

Marcelo Máximo Purificação  
Cláudia Denís Alves da Paz  
Eleno Marques de Araújo  
(Organizadores)

Processos de  
Organicidade e  
Integração da  
Educação Brasileira  
3

Marcelo Máximo Purificação  
Cláudia Denís Alves da Paz  
Eleno Marques de Araújo  
(Organizadores)

Processos de  
Organicidade e  
Integração da  
Educação Brasileira  
3

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Luiza Batista

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
P963	<p>Processos de organicidade e integração da educação brasileira 3            [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação,            Cláudia Denís Alves da Paz, Eleno Marques de Araújo. – Ponta            Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-150-3            DOI 10.22533/at.ed.503202906</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.            3. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Purificação, Marcelo Máximo.            II. Paz, Cláudia Denís Alves da. III. Araújo, Eleno Marques de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.710981</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior   CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Prezados leitores,

O volume 3 da obra “Processos de Organicidade e Integração da Educação Brasileira”, associa-se a ideia de ordenamento e organização da educação que perpassa por saberes, complexidade social e pelo o indivíduo. Pensar na educação nos mais diversos contextos nos leva a um conjunto de ralações integrado pela prática e pelas ações que direcionam o processo educacional.

Uma obra que traz 16 textos/capítulos em que os discursos giram em torno da perspectiva do fazer que dar significado a dinâmica do processo ensino-aprendizagem e do planejamento prévio dos atores sociais, endossados nas vozes dos 39 autores participantes desses capítulos.

O diálogo promovido pelos autores imprime as faces do planejado, organizado, do caminho metodológico, dos discursos e dos resultados de cada pesquisa/investigação. E com isso, a ideia dos percursos educativos vai sendo gestada, antes, durante e depois de cada texto. 33 palavras-chave adornam o eixo central desses discursos, com forte inclinação a mostrarem a dimensão e o poder reflexivo de cada um. Autoavaliação, brincar, censo, competências, interação social, letramento, ludicidade, política educacional, etc., são algumas das palavras-chaves que direcionam eixos temáticos desses discursos.

Desejamos a todos vocês uma boa leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação  
Cláudia Denís Alves da Paz  
Eleno Marques de Araújo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O USO DE MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE ENSINO- APRENDIZAGEM: O DESAFIO DO EDUCADOR NA ERA DO “CURTIR”	
Clara Cristina Azevedo Souza Fontenele Larissa da Silva Albuquerque	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5032029061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
O USO DE APLICATIVOS EDUCACIONAIS NO ENSINO INCLUSIVO DE QUÍMICA	
Shamyia Cristina de Lima Gomes dos Anjos Marcos Antonio Feitosa de Souza Roberlúcia Araújo Candeia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5032029062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
OS BENEFÍCIOS DA MONITORIA PARA MONITOR E ALUNOS DE NUTRIÇÃO E METABOLISMO: UMA ANÁLISE QUALI-QUANTITATIVA	
Thaís Pires Bezerra Ana Mary Viana Jorge Cristiane Rodrigues Silva Câmara Daniel Câmara Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5032029063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>24</b>
ORQUESTRA ROSARIENSE: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA DE EDUCAÇÃO MUSICAL	
Estêvão Grezeli Cristina Rolim Wolffenbüttel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5032029064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>37</b>
O PROCESSO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: O CASO DO COLÉGIO POLITÉCNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA	
Gustavo Fontinelli Rossés Alencar Machado Cristiano Gattermann de Barros Juliano Molinos de Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5032029065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
O PERFIL FORMATIVO DOCENTES DE FÍSICA NO PIAUÍ: UMA DÉCADA APÓS O REUNI	
Denilson Pereira da Silva Luís Carlos Sales	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5032029066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>63</b>
O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES COMPETENTES	
Katia Daniele Mendes de Oliveira Célia Gomes dos Santos Danielle Nunes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5032029067</b>	



<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>71</b>
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO, AS CONCEPÇÕES DE ESCOLA E AÇÃO DOCENTE: RELAÇÕES IMBRICADAS COM A PESQUISA E A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	
<a href="#">Lidiane Cristina Longo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5032029068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>82</b>
NÚCLEO DE ORDENAMENTO DE REDE E MATRÍCULA ON-LINE: A EXPERIÊNCIA DO JABOATÃO DOS GUARARAPES	
<a href="#">Adriana Oliveira dos Santos</a>	
<a href="#">Bruna Carolina Souza de Azevedo</a>	
<a href="#">Maria da Conceição Carvalho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5032029069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>87</b>
NOVAS PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE: OBSERVAÇÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DA TECNOLOGIA E DA INTERAÇÃO SOCIAL VYGOTSKYANA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS	
<a href="#">Lia Cristiane Lima Hallwass</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50320290610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>101</b>
MICROBIOLOGIA E COMUNIDADE: DESAFIOS DA EXTENSÃO NO CURRÍCULO DA GRADUAÇÃO	
<a href="#">Simone do Nascimento Fraga</a>	
<a href="#">Letícia Gabrielly de França Almeida</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50320290611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>109</b>
LUDOTECA UNIVERSITÁRIA: SITUAÇÕES BRINCANTES E PAPEIS DE GÊNERO EM FOCO	
<a href="#">Maria do Carmo Morales Pinheiro</a>	
<a href="#">Iuri Silva Eziquiel</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50320290612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>118</b>
INTERAÇÃO SOCIAL ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO TEÓRICO	
<a href="#">Luis Henrique Rocha Mendes</a>	
<a href="#">Maria Aparecida Campos Diniz de Castro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50320290613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>127</b>
GESTIÓN DE INTERNACIONALIZACIÓN DE LA UNIVERSIDAD: OPORTUNIDAD, NECESIDAD O ESTRATEGIA	
<a href="#">Barbara Yadira Mellado Pérez</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50320290614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>147</b>
GESTÃO DEMOCRÁTICA SABOTADA? ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS CONSELHEIROS ESCOLARES DO ENSINO PÚBLICO DE NATAL/RN	
<a href="#">Barbara Ellen Rebouças Cunha</a>	
<a href="#">Gilmar Barbosa Guedes</a>	
<a href="#">Walter Barbosa Pinheiro Junior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50320290615</b>	

<b>CAPÍTULO 16 .....</b>	<b>160</b>
FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM MÚSICA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	
Cássia Virgínia Coelho de Souza	
Débora Santos Porta Calefi Pereira	
Murilo Alves Ferraz	
Vania Malagutti Loth	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50320290616</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES.....</b>	<b>186</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>188</b>

## LUDOTECA UNIVERSITÁRIA: SITUAÇÕES BRINCANTES E PAPEIS DE GÊNERO EM FOCO

*Data de aceite: 01/06/2020*

*Data de submissão: 31/03/2020*

### **Maria do Carmo Morales Pinheiro**

Universidade Federal de Catalão, Educação Física, Catalão/Goiás  
<http://lattes.cnpq.br/1429555671168699>

### **Iuri Silva Eziquiel**

Universidade Federal de Catalão, Educação Física, Catalão/Goiás  
<http://lattes.cnpq.br/4348872799983100>

Produto do Projeto de extensão “Ludoteca Universitária: lugar-tempo de experimentação do corpo e de produção de subjetividade a partir do brincar”, da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Catalão (UFCAT).

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apresentar a Ludoteca UFCAT e seu funcionamento, bem como relatar situações brincantes vividas pelas crianças no projeto de extensão “Ludoteca Universitária: lugar-tempo de experimentação do corpo e de produção de subjetividade a partir do brincar”. A partir de Vigotski (1991a; 1991b); Santos (2014); Pinheiro (2018); Finco (2003), buscamos entender o brincar como pertinente à aprendizagem e ao desenvolvimento humano,

sempre imersos num processo cultural constitutivo. Com base nisso, destacamos duas cenas brincantes ocorridas em nossa ludoteca para pensá-las, sobretudo, a partir de um recorte da questão de gênero que aparece nesse cenário lúdico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ludoteca. Infância. Brincar. Experimentação. Gênero.

### UNIVERSITY LUDOTECHA: PLAYING SITUATIONS AND GENDER ROLES IN FOCUS

**ABSTRACT:** The objective of this work is to present the UFCAT Ludoteca and its functioning, as well as to report playful situations experienced by children in the extension project “University Ludoteca: place-time for experimenting the body and producing subjectivity from playing”. From Vigotski (1991a; 1991b); Santos (2014); Pinheiro (2018); Finco (2003), we seek to understand playing as relevant to learning and human development, always immersed in a constitutive cultural process. Based on this, we highlight two playful scenes that took place in our playroom to think about them, above all, from an outline of the gender issue that appears in this playful

cenário.

**KEYWORDS:** Ludoteca. Infancy. To play. Experimenting. Gender.

## 1 | INTRODUÇÃO

A Ludoteca Universitária da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), até 2019, Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás (RC/UFG)<sup>1</sup>, é um laboratório do curso de Educação Física, em funcionamento desde 2010, cujo início se deu com o planejamento, preparação e captação de recursos para compor o ambiente ao qual a ação extensionista ora em foco, se liga.

A ação extensionista citada se intitula “Ludoteca Universitária: lugar-tempo de experimentação do corpo e de produção de subjetividade a partir do brincar” e objetiva, sobretudo, possibilitar a existência de um ambiente de lazer-arte-educação no interior da universidade, que possa ser acessado, sobretudo, por crianças.

Falar em educação/formação requer falar de desafios, estes que estão atravessados o tempo todo em nosso caminho. É a partir deles que buscamos a superação e a vontade de crescer, de fazer ciência e arte, transformando os ambientes universitários em lugares nos quais também as crianças brincantes possam ampliar seu contato com a cultura por meio da ludicidade proporcionada pela presença corporal.

Nessa direção, a ação extensionista em foco visa inúmeros objetivos, dentre os quais:

1. Criar, na Regional Catalão, um ambiente de cultura e de arte-educação para a comunidade interna da UFG/RC (crianças vinculadas à servidores e estudantes) e para a comunidade externa (escolas, vizinhança, abrigos, centros especializados de atendimento, órgãos comunitários), possibilitando seu acesso à produção lúdica contemporânea e tradicional por meio do acervo disponibilizado pela Ludoteca. Além disso, possibilitar o acesso desse acervo aos estudantes de graduação; 2. Articular ensino, pesquisa e extensão na formação acadêmica a partir das ações desenvolvidas na Ludoteca, atentando-se para a produção infantil como material de investigação e de produção de conhecimentos; 3. Tratar a Ludoteca como ambiente de formação de professores- educadores-brinquedistas, sobretudo, os estudantes da graduação, fomentando debates, reflexões e investigações (PINHEIRO, 2018b, p.6).

Sendo uma ação que busca a articulação entre ensino, extensão e pesquisa, ou seja, que privilegia a produção de conhecimentos, buscamos, além de receber e atender as crianças para que possam brincar, registrar de algum modo esses momentos, com fotos, diários de campo e vídeos (para os quais temos um termo de concordância dos seus responsáveis).

Enfatizamos que este texto visa apresentar algumas experimentações brincantes dos corpos-crianças atendidos, destacando aspectos que chamaram atenção, sobretudo

1. A sigla UFG/RC (Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão), inevitavelmente aparecerá porque a transição desta instituição para a Universidade Federal de Catalão (UFCAT) se deu em fins de 2019, motivo pelo qual todos os documentos existentes veiculam o registro da sigla UFG/RC. Diante disso, pedimos que a referida sigla seja lida como sinônimo de UFCAT, pois não há como alterar documentos que, neste texto, precisam ser citados.

acerca da temática do gênero no brincar, quer dizer, de como meninos brincam livremente de papéis de gênero historicamente estereotipados como sendo de meninas, e o fazem de modo muito espontâneo e leve.

## A Ludoteca Universitária UFCAT: concepção e funcionamento

Normalmente, os ambientes que agregam brinquedos e a atividade do brincar – em universidades brasileiras tanto quanto em outros espaços sociais – são denominados Brinquedotecas. No Brasil, inclusive há uma Associação Nacional de Brinquedotecas, que visa dar organicidade às mais de 500 brinquedotecas brasileiras existentes (KISHIMOTO, 2012), disponibilizando cursos de formação de brinquedistas, material bibliográfico, orientações para a montagem e condução de brinquedotecas, dentre outros serviços de apoio.

Em nosso caso, optamos por usar o termo Ludoteca por compreender que:

(...) o termo Brinquedoteca remete ao objeto brinquedo de modo estrito, e, como somos oriundos da área de Educação Física, consideramos o Corpo como primeiro (e sempre presente) objeto brincante, motivo pelo qual múltiplas brincadeiras podem acontecer sem contar, necessariamente, com a presença de um objeto externo a ele. Além disso, [pensamos] a ludicidade como Eixo a partir do qual os seres humanos produzem significado, sentido e, desse modo, subjetividades. Assim, consideramos que o termo Ludoteca soa mais amplo e responde melhor à concepção que sustenta o trabalho deste Laboratório, uma vez que o corpo é para nós, o primeiro objeto do brincar. É a partir do próprio corpo que a criança começa a se desenvolver e conhecer a si mesma (PINHEIRO, 2018b, p. 2, *interpolações nossas*).

Concebemos a Ludoteca como um ambiente de formação tanto para os ludotecários (responsável pelos atendimentos da ludoteca), quanto para os adultos e crianças que a visitam diária ou esporadicamente. A isso, juntamos o fato da Ludoteca estar alocada em uma universidade, o que impõe a tarefa de oferecer preparação técnica e humana consistente para o pleno exercício das funções universitárias: ensino, pesquisa e extensão.

O laboratório recebe diariamente crianças que possuem vínculos com a comunidade acadêmica, como servidores públicos e/ou estudantes universitários; mas também agenda visitas da comunidade externa, constituída por instituições educativas, como escolas, ou de assistência e amparo à infância.

São cadastradas crianças de 0 a 12 anos de idade que fazem da ludoteca um lugar encantador, pois nela, independente de idade, classe social ou gênero, podem ser o que quiserem, assim como alude o Regimento da ludoteca (2012): “A ludoteca caracteriza-se por ser um lugar livre de brincar”. É também a partir das situações brincantes que as crianças começam a conhecer si mesmas, desde que sejam feitas as mediações (VIGOTSKI, 1991a) necessárias para isso.

Enfatizamos que as fichas de cadastro das crianças são um instrumento importante de vínculo da nossa ludoteca com seus responsáveis, pois as informações nela contidas nos permitem avisá-los frente a quaisquer demandas emergenciais.

A sala é ambientada de forma agradável, toda colorida e alegre, chamando atenção

de quem passa pelo corredor; está equipada com objetos lúdicos variados nos cantos de brincar: da fantasia, piscina de bolinhas, pebolim, livros de literatura infantil, equipamentos eletrônicos, pelúcias e bonecas, brinquedos de madeira/tradicionais, casinha de boneca, mecânico maluco, cozinha de madeira, dentre outros.

As crianças são o principal público-alvo do projeto extensionista, mas sempre recebemos visitas de pessoas de todas as faixas etárias, que veem a ludoteca como um lugar para descansar da pressão cotidiana, parar a correria e, simplesmente, brincar. São muitos os graduandos, de diversos cursos, que a frequentaram assiduamente em 2019, acreditamos que em função de sua temporária localização no Bloco Didático I, onde ocorrem as aulas da instituição. Esse é um processo que mostra o potencial do ambiente Ludoteca para atrair e contagiar não apenas crianças, mas todo e qualquer ser humano aberto e disposto à fruir lazer, arte e cultura.

Para um estudante de Licenciatura em Educação Física (EF), entender o brincar como atividade e processo que põe em movimento múltiplas aprendizagens é de extrema importância, uma vez que autores como Pinheiro (2018a); Santos (2014); Kishimoto (2012), Vigotski (1991a, 1991b), destacam o brincar como um disparador de aprendizagens. Vigotski (1991a) afirma que ao brincar (na presença ou não do brinquedo), a criança vai além do seu comportamento habitual, porque na representação dos papéis escolhidos ou atribuídos pelos pares e objetos disponíveis para o jogo, a criança precisa mostrar-se maior do que realmente é, portanto, põe em movimento processos de pensamento e de ação que não realiza cotidianamente. Nesse sentido, nem sempre é necessário ensinar a brincar, pois os momentos brincantes são momentos de expressão singular, em que as crianças experimentam as imagens que tem do mundo, invertendo-as, revertendo-as, transformando-as e, com isso, experimentando aprendizagem e crescimento intelectual e afetivo.

São realizados atendimentos regulares no período noturno três vezes por semana. Neles, cerca de seis a oito crianças são atendidas por noite, dentre meninos e meninas. Além disso, em 2019, a Ludoteca recebeu cerca de 90 estudantes de escolas públicas da cidade de Catalão, entre 7 e 13 anos de idade, por ocasião da realização de um evento do Curso de Educação Física.

Nesses atendimentos, são realizadas atividades tais como: pinturas, brincadeiras (individuais e acompanhadas) com pelúcias, bonecas, com e sem fantasia, leituras de nossos livros, dentre outras. É importante ressaltar que os adultos que visitam a ludoteca parecem se sentir crianças quando nela estão, sendo livres para brincarem do que quiserem, uma vez que a ludoteca convida a isso. Ou seja, os brincantes tem a total liberdade de escolher com quais objetos lúdicos farão suas brincadeiras, como brincarão com os mesmos, os temas de suas brincadeiras, além de decidirem se querem brincar sozinhos (unicamente com os brinquedos escolhidos) ou acompanhados (por outras crianças ou pelo brinquedista), atendendo a um dos princípios fundamentais da existência

de ludotecas, como afirmam Pinheiro (2018a) e Santos (2005).

É importante ressaltar que todas as crianças e adultos que brincam em nosso laboratório, com o decorrer dos dias, passam a entender a rotina de uso dos objetos, que inclui a brincadeira e posterior devolução dos objetos aos seus lugares de origem. Nesse momento é responsabilidade do ludotecário-brinquedista orientar esse processo, de cuidado dos materiais lúdicos e devolução dos brinquedos nas estantes ou cantos de brincar, ajudando com informações que criam um clima de corresponsabilidade pelo ambiente.

É aqui que o brincar livre faz sentido: meninos brincam de fazer comida e meninas brincam de carrinho; fazem isso, claro, desde que se sintam à vontade e com vontade de brincar com esses objetos que aparecem tão demarcados por papéis de gênero que até nos surpreendemos que, no caso desses brincantes, é uma demarcação que não parece ter relevância alguma. Essa observação nos é muito cara posto que reforça uma das potências de uma Ludoteca: proteger o comportamento de quem brinca da censura normalmente presente em nossa sociedade, fazendo-se ocasião de frivolidade e flexibilidade. Na brincadeira em uma Ludoteca, os brincantes fazem uso dos papéis sociais como lhes aprouver: liberados da formalidade das regras e convenções sociais (PINHEIRO, 2018a, 2018b; PORTO, 1998).

## 2 | BRINCADEIRAS INFANTIS: CORPO E QUESTÕES DE GÊNERO

A ludoteca é, para o brinquedista em processo de constituição, um elemento essencial na formação acadêmica. As vivências práticas oferecidas pelo laboratório e projeto extensionista requerem, para o seu bom funcionamento, a realização de estudos, pesquisas, leituras e rodas de conversas que envolvam temáticas praticadas no ambiente da ludoteca. A criança, o brinquedo, a brincadeira e a arte de brincar são temas fundamentais, pois, é por meio do aprofundamento dos estudos, que somos capazes de responder e levantar alguns questionamentos: Quem brinca? Como brinca? Do que se brinca? Para que se brinca? Quais as relações possíveis entre brincar, aprendizagem, desenvolvimento humano e cultura? É a partir destes questionamentos que nossos estudos são realizados e ampliados.

As visitas à Ludoteca, feitas por diversos públicos, são sempre recheadas de diversas brincadeiras, pois é só entrarem nesse ambiente que nossos visitantes, sujeitos das ações, são, simultaneamente, convidados e convidam ao brincar. Sobretudo as crianças, se dirigem aos locais que de algum modo lhes provocam, e, assim, começam suas cenas brincantes. Desse modo, é notório que elas possuem uma referência (modelo) de como e com o que brincar, como se já planejassem suas brincadeiras, o que nos leva a pensar que, possivelmente, já fazem parte de seus cotidianos. Temos como por exemplo brincar de fazer comida, na mini cozinha de nossa ludoteca. Nessa direção, Vigotski (1991b)

ensina que os conteúdos presentes na atividade do brincar se fundamentam nas práticas culturais dos grupos aos quais as crianças pertencem. São essas práticas, cultural e historicamente constituídas, que alimentam as crianças em suas brincadeiras, que, então, exercitam papéis sociais, formulando cenas e aprendendo a se posicionar. O referido autor, diz, inclusive, que o ato de brincar, sempre veiculador de significados socialmente instituídos, inicialmente, ou seja, para as crianças da primeira infância, possui regras implícitas e significados sociais explícitos, e, apenas mais tarde, as regras se tornarão explícitas, sendo que aí, os significados sociais ficarão implícitos.

Podemos perceber que, não na sua maioria, mas que em algumas situações, as brincadeiras exercitadas dentro da ludoteca são uma espécie de herança trazida de casa, pois parecem mostrar que a criança está reproduzindo algo que presenciou no âmbito privado, como é o caso que destacamos a seguir:

Um menino (V.) de oito anos de idade é uma das crianças mais frequentes na Ludoteca nos últimos meses. Ele é sobrinho de uma servidora terceirizada que cuida da manutenção e limpeza da universidade e sempre vai com ele nos horários em que a ludoteca está aberta. Certa vez o menino estava brincando com a mini cozinha infantil que é parte do acervo da ludoteca, e o questionamos acerca do que brincava ali naquele canto. Sua resposta foi óbvia: 'Estou brincando de fazer comida, estou fazendo uma omelete muito gostosa'. Nesse momento a criança simulava de fato que estava fazendo uma 'deliciosa omelete', e jogava o ovo para cima, aparava com a frigideira e, logo após, a comia (Diário de Campo, 2019, p.2).

Este fato nos chamou muita atenção por se tratar de uma criança do gênero masculino que brincava na cozinha de fazer comidinha, ação que vemos acontecer, normalmente, com meninas.

Finco (2003, p. 91) apresenta o conceito de gênero como sendo uma “construção social que uma determinada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres”. De nosso ponto de vista, pensamos que as brincadeiras, dentro e fora dos espaços universitários, em ações extensionistas, não precisam de demarcações de gênero, pois o importante é o modo como os pequenos se conduzem nos momentos lúdicos, com relação a si e aos outros, parceiros na brincadeira. Porém, as pressões sociais para fixar modos de brincar, sobretudo com relação à comportamentos considerados apropriados/adequados a meninos e meninas, é uma constante com a qual temos que lidar. As brincadeiras são exercícios de papéis sociais, boa parte das vezes, reproduzidos, reforçando estereótipos; porém, tais papéis também são questionados pelas crianças nos momentos brincantes, o que oportuniza redirecionamentos de posições e elaborações à respeito desses mesmos papéis, o que presenciamos na situação supracitada. Nessa mesma direção, Finco (2003, p. 6) afirma que frente à enorme variedade de brinquedos e as diversas opções de brincadeiras, “as crianças brincam espontaneamente com os brinquedos que escolhem sem constrangimentos”.

Outra situação interessante que também marcou nossas observações em uma brincadeira, foi o fato de um outro menino, de 11 anos, estar brincando com uma boneca,



que, ao final da brincadeira, descobrimos juntos ser um boneco. Mas qual foi a situação instigante para que descobríssemos que se tratava de uma boneca ou boneco?

O brinquedo estava na prateleira e sem roupas. O menino de 11 anos pegou o que pensou ser uma boneca e andou com ela para lá e para cá, questionando ao brinquedista qual era o nome daquele objeto. A resposta que obtive foi a de que se tratava de uma boneca. Logo após, veio outro questionamento. A criança perguntou o porquê de ser uma boneca e ter o órgão genital masculino. Nesse momento, experimentamos uma sensação de surpresa, tensão, e, ao mesmo tempo, comicidade. Perplexos diante da situação, ao mesmo tempo em que risonhos, ao final de nosso diálogo, concluímos que se tratava de um boneco, e não uma boneca.

Um detalhe que nos instigou, foi quanto às sensações de estranheza e perplexidade às quais a situação nos levou: frente a um corpo que pode estar fora dos cânones instituídos socialmente, mas que nos ensinaram a olhar para ele dessa forma, procurando a efetivação da norma social, ou melhor, de sua normalidade, ficamos confusos. Porque ficamos boquiabertos com o fato de termos atribuído o gênero feminino a um boneco com genitália masculina? O que nos levou, nós dois, um adulto a uma criança, a ver traços característicos do feminino em um boneco? Talvez, ainda, essas perguntas nos remetam à outras, mais complexas: porque precisamos, sempre, fixar características generificadas nos seres humanos? Para identificá-los e, com isso, torná-los menos imprecisos? O que haverá de incômodo nas imprecisões humanas, nesse caso, no tocante ao ser homem e ao ser mulher, que nos inclinam à confirmar certas normalidades?

De qualquer forma, e independente das perguntas que tal situação suscita, as duas brincadeiras descritas nos levam a considerar que os dois meninos lidaram tranquilamente, na situação lúdica, com objetos que culturalmente consideramos de meninas: uma boneca (inicialmente) e uma cozinha, sobretudo, um fogão. Ou seja, as masculinidades podem ser produzidas de modo diferente, quebrando estereótipos e rótulos, de que coisas e modos de ser de homens, precisam ser rudes e grotescos, que não podem acolher atitudes de cuidado (com os outros, com a casa, com a alimentação, com a vida).

Esses acontecimentos são importantes na formação do brinquedista, uma vez que situações como as duas aqui citadas podem acontecer durante a brincadeira, inclusive nas aulas de Educação Física escolar, e o professor precisa estar preparado para ler tais acontecimentos da forma mais sensível, acolhedora e ampliadora de sentidos.

Observemos que nas duas situações foram destacadas experiências vivenciadas por duas pessoas do sexo masculino em situações que geralmente são vivenciadas por meninas. Portanto, podemos perceber que nas duas situações ambos se sentiram livres para brincar, tanto de boneca quanto de fazer comida, ou seja, sem quaisquer constrangimentos ou obediência ao que os adultos determinam ser típico de menino ou menina. Finco (2003, p. 7) apresenta, em seu artigo, relatos parecidos com esses quando diz que “são os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de

outro”. Porém, as próprias crianças, só querem mesmo, é brincar. Essa mesma conclusão também é evidenciada na pesquisa de Santos (2016), que ao investigar situações brincantes na Ludoteca UFCAT, percebe muita abertura, parceria e generosidade na brincança de meninos que não se preocupam nenhum pouco em manter rito sociais e papéis de gênero estereotipados; do contrário, demonstram alta disposição para subverter papéis e assumir tarefas de cuidado e acolhimento.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encerrar, nos perguntamos: o que o tema das relações e papéis de gênero coloca de desafios ao brinquedista? Porque os processos brincantes não são tão simples como, num primeiro momento, parecem apresentar-se?

Sem nenhuma pretensão de responder categoricamente essas questões, pensamos que um dos principais fatores que direcionam o trabalho de quem lida com crianças, em quaisquer situações, mas sobretudo no ato brincante, tem a ver com seu olhar, ou seja, sua forma de ver e conceber o mundo. Como educadores, atentos aos processos lúdicos que compõem o ser humano, vemos a necessidade de descolonizar o olhar, tão abarrotado de normatizações e convenções socialmente instituídas. Crianças que brincam com quaisquer coisas e invertem variadas situações, nos ensinam que certo e errado em termos de comportamento humano, sobretudo quanto ao gênero (tornar-se homem e mulher), são de uma relatividade imensa.

Para nos assumirmos como brinquedistas, sem dúvida, é preciso que reaprendamos a olhar, a sentir, a pensar o mundo, os seres humanos e seus conflitos existenciais; então, nos parece que um dos maiores desafios da qualificação de um brinquedista, é descolonizar seu olhar, inclusive, em relação ao corpo, essa desrazão misteriosa sempre pronta a nos questionar. Aprender a olhar o corpo de modo mais aberto, flexível, lúdico, enfim, plástico, é uma lição que as crianças frequentadoras de nossa Ludoteca, nos ensinam; e elas fazem isso, justamente, de uma forma lúdica que, ao desafiar nossa cerrada percepção, alegremente nos põe a rirmos de nós mesmos... afinal, como seria fácil lidar com seres tão complexos, mesmo no ato banal de brincar, uma vez que aí o corpo se firma com toda sua potência de vida, tão cheia de desejos, enigmas e sugestões? Será arte?

### REFERÊNCIAS

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, v. 14, n. 3 (42), set./dez. 2003.

KISHIMOTO, T. M. A brinquedoteca no contexto educativo brasileiro e internacional. In: OLIVEIRA, V. B de. **Brinquedoteca: uma visão internacional**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PINHEIRO, M. do C. M. O direito das crianças ao lúdico no século XXI: ludoteca como alternativa. In:

PINHEIRO, M. do C. M. (Org.). **Do Avesso**: Peripécias dos Direitos de Crianças e Adolescentes no Brasil. Aveiro/PT: Ludomedia, 2018a.

PINHEIRO, M. do C. M. **Ludoteca**: lugar-tempo de produção de subjetividade a partir do brincar. Projeto de Extensão cadastrado no SIGAA-UFG. Goiânia, 2018b.

PORTO, C. L. Brinquedo e brincadeira na brinquedoteca. In: KRAMER, S. e LEITE, M. I. (Orgs.). **Infância e Produção Cultural**. 4 ed. São Paulo: Papirus, 1998. p.171-198.

REGIMENTO INTERNO DA LUDOTECA UFG/RC. Catalão/Go: Regional Catalão/Universidade Federal de Goiás, 2012.

SANTOS, T. L. F. dos.; PINHEIRO, M. do C. M. **O fantástico mundo do brincar: extensão universitária em uma ludoteca**. 21f. 2016. Trabalho de Conclusão de curso, Curso de Educação Física, UAE de Biotecnologia, Universidade Federal de Goiás, Catalão/GO, 2016.

SANTOS, S. M. P. (Org.). **Brinquedoteca**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VIGOSTKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

VIGOSTKI, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Autoavaliação Institucional 37, 38, 40, 41, 42, 43, 49, 50, 97

### B

Brincar 23, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

### C

Censo 51, 55, 82, 83, 84, 86

Competências E Habilidades Docentes 118

Comportamento Leitor 63, 66

Comunidade 9, 27, 30, 33, 34, 35, 37, 41, 50, 54, 101, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 165, 166, 173, 174, 175, 182

Conselho Escolar 147, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158

Currículo 32, 33, 61, 64, 100, 101, 103, 105, 106, 162, 170, 183, 186

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 17, 19, 23, 24, 30, 31, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 93, 97, 99, 100, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 119, 121, 123, 124, 125, 126, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 172, 173, 177, 178, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Ensino De Química 7, 8, 10, 11, 13, 15, 16

Ensino Extracurricular 24

Ensino Médio 8, 11, 15, 17, 24, 25, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 41, 42, 45, 46, 51, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 72, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 163, 169, 186

Escola Democrática 71, 76, 79, 149

Estágio Supervisionado 71, 72, 81, 162, 163, 183

### F

Formação Docente Online 87

### G

Gestão Democrática 77, 80, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159

## I

Infância 109, 111, 114, 117, 124, 186

Interação Social 87, 89, 100, 118, 121

## L

Letramento 63, 64, 65, 66, 69, 70

Ludicidade 7, 10, 17, 110, 111

Ludoteca 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

## M

Matrícula On-Line 82, 85, 86

Monitoria 1, 4, 5, 6, 18, 19, 20, 21, 22, 23

## O

Ordenamento De Rede 82, 83, 84

Orquestras Escolares 24

## P

Perfil Formativo 51, 53

Política Educacional 51

Práticas De Conjunto 27, 33

## R

Roda De Conversa 18, 19, 20, 21, 22, 23

## T

TEA 7, 8, 9, 10, 11, 13, 16

Tecnologias 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 17, 52, 61, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 97, 100, 186

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**